

A encruzilhada não tem periferia de Felipe Ribeiro¹



Gente de Lá, de Wellington Gadelha, apresentado no Rio de Janeiro durante o AdF.19 – Escapar do Capataz.

Foto: Renato Mangolin

O espaço se torna movimento em, *Gente de Lá*, de Wellington Gadelha. Se esta é uma transformação importante para a Dança Contemporânea, é também o que une esta arte à política social. À princípio, *Gente de Lá*, expressão que poderia ser pejorativa se não fosse autointitulada, pressupõe afastamento em relação a um referente. Mas a performance de Gadelha vai além, usa do termo para afirmar distinções de classe, cultura, e crença, sem se abster da convivência das diferenças, ainda que por vezes ela só se faça possível através da fricção. É desse duplo caminho de conectar diferindo, ora explicitando a violência colonial, ora propondo coalizão entre os que estão mais suscetíveis a essa violência que a peça se estrutura.

Não obstante, a encruzilhada se apresenta como sua figura conceitual fundamental. Ante a ideia de uma periferia, a existência à margem de uma esfera referenciada por um centro, percebo que a encruzilhada se faz necessariamente a partir do fora, e sempre em negociação com o desconhecido. Entre geografias, projeções, inacessibilidades, e imaginários, a encruzilhada abre os caminhos *de lá* e redefine o centro como cruzamento, com constante passagem, e necessariamente resultado circunstancial de contágios. Essa impureza perpétua e de qualidade mutante, explode com qualquer essencialidade originária. Aqui o centro chega depois, ele é consequência, só existe como fluxo, e *Gente de*

¹ **Felipe Ribeiro**, é curador independente, artista multidisciplinar, e professor do Programa de Pós-graduação em Dança da UFRJ.

Lá o apresenta vazado. No palco, quatro sacos pretos em simétrica oposição uns dos outros, formam um “x”. Sobre cada um dos sacos, há uma camisa vermelha. A encruzilhada se forma por evocação plástico-espiritual, e seus atravessamentos invisíveis, se materializam em duas linhas diagonais descontínuas, nas cores e no canto de Exu.

O ponto é cantado a capela pelo performer como uma forma de constituir sua falange, pedir-lhe licença, e junto dela, iniciar os trabalhos. *Gente de Lá* é a encruzilhada possível de Gadelha. Seu fluxo imbrica o visível ao invisível, o acaso ao ancestral, o social ao espiritual, a arte ao ritual, o pessoal ao comunitário, o lugar de fala às redes das quebradas. Já vi *Gente de Lá* iniciar na rua, estávamos na Suíça, por conta de uma parceria entre os festivais Atos de Fala e zürich moves! Na Europa, Gadelha usou a rua para abrir os caminhos da performance, louvar aos seus, e impregnar a disposição quadrangular da cidade com a encruza de Exu. Depois, já no Rio de Janeiro, durante o AdF.19, Wellington terminou a peça com um microfone aberto para que coletivos de artistas e poetas de diversas favelas do Rio de Janeiro pudessem tomar a palavra pelo tempo que quisessem. A encruzilhada-*Gente de Lá* fez do palco um lugar de encontro, de aprendizagem com as diferenças, de vociferação, e de compartilhamento de espaços com o outro. Gadelha está ciente dos dispositivos de visibilidade, identidade e hierarquia da arte. Justo por isso, ele evita uma síntese autorreferente que seduz o artista com sua própria imagem, para em seguida captura-lo de uma vez por todos no sistema de arte, e replica o convite de se apresentar a outros e outras artistas que possam continuar o obra. Numa operação que funde e confunde os papéis de artista e curador, o performer que vem de Fortaleza, *lá* de Autran Nunes, vulgo “Alto do Bode”, ocupa o teatro do Centro Coreográfico do Rio de Janeiro, e abre espaço – e o microfone, para coletivos de poetas *lá* da Maré, *lá* do Alemão, e outros tantos complexos de favelas e bairros suburbanos cariocas. Esse procedimento, de conectar várias periferias que ao invés de se referenciar pelo centro, atravessam-no e explodem-no, se mostrou o performativo principal do projeto que desde o início planejou suas apresentações majoritariamente em espaços de cultura fora do eixo, deixando claro onde estava sua busca por diálogo.

Assisto ao movimento de Gadelha e a obstinação de seu convite a pessoas que muitas vezes nem conhece, e vejo que a sua maneira ele ecoa o lema já bastante conhecido na voz de

Angela Davis, o de “erguer-nos enquanto subimos.” A arte é o cruzamento político-espiritual onde ele aprofunda as ações e a cultura negra. Mas atuar nessa encruzilhada, e fazê-la acontecer na arte assim como na favela, na cidade, e na economia dos editais, não é tarefa simples, nem somente propositiva: a perseverança muitas vezes se cruza com a resistência, a colaboração vem também através de afrontamentos, e mesmo a ajuda mútua só acontece com muita negociação. Enquanto escrevo, evocando minha dupla experiência de programador da peça no Atos de Fala e também seu público, penso em perguntas que *Gente de Lá* me provoca a fazer. Dentre as várias, duas me parecem especialmente urgentes neste momento. Como estabelecer o cuidado como um parâmetro primordial sem nem por isso sublimar o fato de que a violência é nossa base de constituição (e talvez nunca deixe de ser)? Como não cair na armadilha de imaginar que cuidar é produzir uma energia romantizada em um ambiente idealizadamente harmônico, mas do contrário produzir coalizões, coletivos, alianças públicas e em prol do público enquanto cientes de um contexto historicamente instável, crescentemente reativo e ameaçador?

Talvez o ponto de interrogação seja a forma deste texto de deixar o microfone em aberto.